

IV SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL

Turismo: Responsabilidade Social e Ambiental

Caxias do Sul/RS, 7 e 8 de julho de 2006

Responsabilidade social, turismo e patrimônio histórico cultural paulistano: azulejos, aquarelas e pinturas históricas de José Wasth Rodrigues¹

Autor: Sênia Bastos²

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

A conversão do patrimônio histórico-cultural em atrativo turístico tem sido valorizada enquanto diferencial dos programas turísticos das cidades, em diferentes países. Localizados, em grande parte, nos centros históricos, busca-se uma integração do patrimônio histórico cultural ali presente de forma a conformá-lo em roteiros ou circuitos, dotados de programas de interpretação adequados. Todavia, em muitos casos, a natureza dos acervos dificulta a conformação de produtos turísticos de apelo cultural. Esse artigo trata de um importante acervo histórico da cidade, pouco valorizado por pesquisadores: azulejos, aquarelas e pinturas históricas de José Wasth Rodrigues. Distribuído em diferentes acervos da cidade de São Paulo, elas permitem a criação de um roteiro turístico temático: a cidade colonial paulistana.

Palavras-chave: Patrimônio histórico cultural; São Paulo; José Wasth Rodrigues;

A conversão do patrimônio histórico-cultural em atrativo turístico tem sido valorizada enquanto diferencial dos programas turísticos das cidades, em diferentes países.

Localizados, em grande parte, nos centros históricos, busca-se uma integração do patrimônio histórico cultural ali presente de forma a conformá-lo em roteiros ou circuitos, dotados de programas de interpretação adequados. Todavia, em muitos casos, a natureza dos acervos dificulta a conformação de produtos turísticos de apelo cultural.

¹ Trabalho apresentado ao GT “O Legado Cultural como Atrativo e a Responsabilidade do Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006

² Doutorada, mestrado e bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como coordenadora e professora do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, na qual também é professora do curso de graduação em Turismo seniabas@anhembi.br.

Nesse artigo o patrimônio histórico cultural é entendido como um amplo e diversificado conjunto de bens de importância coletiva, no qual também se incluem os documentos históricos, em geral depositados em arquivos públicos e privados, além das edificações de reconhecido valor arquitetônico e os saberes e fazeres tradicionais.

É comum, porém, a palavra patrimônio ser utilizada em um sentido restrito, representando apenas o conjunto de bens tombados pelo poder público, ou ainda, o de edificações que receberam a proteção jurídica do tombamento.

Dificilmente pode-se tratar a questão do patrimônio histórico no Brasil sem relacioná-lo à prática preservacionista. Ao que se refere à produção acadêmica, destacam-se estudos de edificações de interesse arquitetônico, enquanto a documentação histórica fica restrita às discussões técnicas de restauração e conservação estabelecidas por arquivistas.

Na cidade de São Paulo pouco se fala da sua documentação histórica e de suas potencialidades de pesquisa para diferentes áreas, de sua importância para a memória de seus moradores ou para o turismo.

Valoriza-se o novo museu, interativo e sem acervo, enquanto o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luis, situado a apenas alguns metros de distância do Museu da Língua Portuguesa, ou das sedes dos centros culturais dos bancos do Brasil, Itaú, Citibank, Caixa Econômica Federal e Unibanco³, encontra-se destituído dos recursos necessários para a manutenção da edificação, tratamento e digitalização do acervo.

Destaque-se que tais instituições culturais pautam a programação de suas atividades com a captação de recursos das leis de incentivo à cultura, que permitem o apoio a produção cultural e a dedução parcial ou integral destas verbas no montante dos impostos devidos.

As atividades culturais promovidas, em grande parte associadas ao marketing cultural das instituições de origem, destinam-se aos clientes ou públicos específicos, restringindo-se ao interior das edificações onde se situam ou em portais da Internet.

³ Respectivamente: Centro Cultural Banco do Brasil (2001), Instituto Cultural Itaú (1995), Espaço Cultural Cigroup, Conjunto Cultural da Caixa e Instituto Moreira Salles (1990).

Tampouco, observa-se uma integração dos seus equipamentos ao patrimônio cultural do centro histórico da cidade de São Paulo. Onde estaria então a responsabilidade social?

Entende-se que a responsabilidade social pode também abranger projetos de natureza cultural, todavia, de qual cultura se trata?

Esse artigo trata de um importante acervo histórico da cidade, pouco valorizado por pesquisadores: azulejos, aquarelas e pinturas históricas de José Wasth Rodrigues. Distribuído em diferentes acervos da cidade de São Paulo, elas permitem a criação de um roteiro turístico temático: a cidade colonial paulistana.

O IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo

A população paulistana e milhares de visitantes, vindos do interior, dos Estados e do estrangeiro, permanece praticamente nas ruas desde a noite de sábado, festejando o IV Centenário da Cidade (OESP, 25/01/1954)

Em 1954 comemorou-se o IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. A cidade foi palco de inúmeras atividades: exposições de História de São Paulo, de Arte e Técnicas Populares, Internacional de Folclore; festivais folclórico, de teatro e de cinema; programas esportivos; Bienal de Artes Plásticas; concertos, Ballet; concertos; programas esportivos; projetou-se a inauguração dos monumentos às Bandeiras, ao Duque de Caxias, ao Saldado Constitucionalista, bem como a realização de um concurso público do Monumento de São Paulo, do qual saiu vitorioso Galileu Emendábili.⁴

Parte dos eventos foram centralizados no Parque Ibirapuera, inaugurado nesta ocasião. Em um de seus pavilhões figurava a Exposição de História de São Paulo, organizada pelo historiador português Jaime Cortesão, que contextualizava a história da cidade na história do país. A exposição explorava diversas temáticas - das grandes navegações à metrópole do café e da indústria, e que contava com o empréstimo de

⁴ Projetado para o topo do Jaraguá o monumento não foi construído.

originais ou reproduções de documentos e material iconográfico - quadros, gravuras e retratos.

Ao que se refere ao bandeirante, ícone da paulistaneidade, foi reconstituído um exemplar do que teria sido a sua moradia, em uma casa de taipa do século XVIII - a *casa do Bandeirante*.⁵ Além de minucioso restauro, a casa foi mobiliada com o objetivo de recriar a moradia de um paulista do século XVIII.

Partindo de estudos do mobiliário de estilo colonial, organizou-se uma intensa campanha que visava a doação, empréstimo ou compra deste tipo de mobiliário. Esta campanha não se restringiu à cidade de São Paulo e seus antiquários, estendeu-se pelo interior e à Minas Gerais a fim de compor a habitação do bandeirante.

Paralelamente, financiou-se estudos e pesquisas sobre a produção bibliográfica e iconográfica existente sobre a cidade de São Paulo. Objetiva-se uma grande campanha editorial, cuja edição comemorativa valorizasse a história da cidade.

Muitas obras de artistas, cronistas e cientistas estrangeiros em viagem pelo Brasil foram traduzidas ou reeditadas, uma vez que grande parte dos conjuntos de estampas, estudos científicos e diários de viagem sobre o Brasil fora impresso na Europa durante o século XIX, ou possuíam edição esgotada no Brasil.

Visando a ilustração das publicações, introduziu-se em parte delas, aleatoriamente, iconografias produzidas por pintores que integraram as principais expedições científicas. Em alguns casos, tais imagens, completamente descoladas do texto, referem-se a outros períodos, situações ou, até mesmo, a outras cidades. As aquarelas e litografias de Johann Moritz Rugendas, Hercules Florence e Jean Baptiste Debret⁶ foram amplamente utilizadas neste sentido. Desconhecia-se neste momento o paradeiro da obra iconográfica de pintores como William John Burchell e Charles Landseer. Mesmo algumas aquarelas de Debret se mantinham inéditas e, ao que se refere a obra do pintor austríaco Thomas Ender, foram expostos pela primeira vez no Brasil por ocasião desta Comemoração⁷.

⁵ Sede da fazenda Ibitatá, a residência em estilo colonial localiza-se no atual bairro do Butantã.

⁶ Jean Baptiste Debret fazia parte da Missão Artística Francesa que tinha por objetivo a finalidade de fundar uma Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. (Naves, 1996:58)

⁷ Integrava a Exposição de História de São Paulo.

Mas a política editorial não se restringiu à publicação de livros. Também foi publicado sob a forma de cartões postais⁸, reproduções de um conjunto de aquarelas de José Wasth Rodrigues denominada *São Paulo Antigo* pertencente ao Departamento de Cultura⁹.

São Paulo Antigo: pinturas históricas e aquarelas de José Wasth Rodrigues

São Paulo Antigo integrou a IVº Exposição de Aquarelas e Desenhos da Galeria Arte em 1953. O tema desta coleção estava inserido ao contexto das recuperações históricas que se empreendiam sobre a cidade naquele momento.

Em *São Paulo Antigo* o olhar do artista valoriza os elementos da arquitetura colonial que ainda podiam ser identificados nas construções existentes na cidade de São Paulo em meados do século XIX. Seu olhar não se deteve apenas nas edificações religiosas, que constituíam os principais exemplares desta arquitetura, mas elementos como o muxarabiê, pinhas de cristal, grades e suportes de ferro, são valorizados nos desenhos, ganhando o primeiro plano das aquarelas.

O detalhamento arquitetônico não foi a única preocupação do artista, introduziu equipamentos urbanos, evidenciou os vestuários dos tipos sociais que circulavam pelas ruas, tais como tropeiros, escravos, carroceiros, policiais, de forma a sugerir o cotidiano e o ritmo da vida oitocentista. Buscava-se a criação de uma determinada imagem da cidade, destituída de contradições sociais, salubre e ordeira.

Pinturas históricas marcaram a obra de José Wasth Rodrigues, mas sua produção iconográfica é diversa: pinturas a óleo, azulejos, aquarelas, desenhos a lápis e a bico de pena podem ser observados ao longo de sua trajetória.

⁸ Foi realizada uma tiragem de 5.000 coleções a um custo total de Cr\$ 210.000, 00, sob supervisão de José Wasth Rodrigues que controlou a reprodução das cores. Os conjuntos eram vendidos sob a forma de consignação, por Cr 70,00. Processo nº 4290/1954. Documento custodiado pelo Arquivo Histórico Municipal “Washington Luis”.

⁹ Atualmente fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal “Washington Luis”.

Expôs pela primeira vez em São Paulo em 1902, em uma mostra coletiva que reuniu 406 trabalhos. Contemplado com uma bolsa de estudos pelo Governo do Estado, ingressou na Academia Julien, de Paris, onde foi aluno de Jean Paul Lauren.

Por ocasião das comemorações do Centenário da Independência do Brasil em 1922, foi convidado a realizar juntamente com Benedicto Calixto de Jesus, Henrique Manzo, Jonas de Barros, Nicola Petrilli e Berthe Adams Worms, sete quadros para o Museu Paulista, então sob direção de Affonso Escragnolle Taunay¹⁰. Neste mesmo momento, Victor Dubugras¹¹ convidou-o a realizar os azulejos decorativos para o seu projeto de valorização do mais antigo obelisco da cidade - a Pirâmide do Piques, localizado na *ladeira da Memória* e aos Monumentos em homenagem à ligação da capital à cidade de Santos - o *Caminho do Mar*, formado pelo Pouso de Paranapiacaba, Cruzeiro Quinhentista, Padrão do Lorena e Rancho da Maioridade.

Parte destes monumentos concebidos por Dubugras possuíam grandes painéis decorativos em azulejos, elemento amplamente valorizado pelo estilo arquitetônico *Neo Colonial Brasileiro*. Wasth Rodrigues foi chamado a realizá-los¹²: para a ladeira da Memória foi composta uma cena cujos elementos se verificam em seus quadros a óleo e em suas aquarelas. Em um chafariz, tropeiros com seu muares, mulheres carregando água e soldados se apresentam em diversas tonalidades de azul.

Alusivos aos marcos históricos , os painéis de azulejos concebidos para os Monumentos do Caminho do Mar, hoje incorporada à Rodovia Anchieta, homenageiam os desbravadores que alçaram a serra em direção ao planalto piratininga, constituindo com os seus machados o caminho que ligava São Paulo ao litoral, bem como ao Padre José de Anchieta e os Jesuítas no Cruzeiro Quinhentista. Em outro ponto, o Padrão de Lorena, a homenagem é ao governador da Capitania de São Paulo, Bernardo José Maria

¹⁰ O projeto de exposição histórica elaborado pelo diretor do Museu Paulista para as comemorações do Centenário da Independência contemplava a reconstituição da história da cidade de São Paulo. Ao que se refere ao século XIX foram reservadas duas salas, uma destinada à maquete de São Paulo em 1841, do modelador holandês H. Bakkenest, e outra à antiga iconografia paulistana.

¹¹ Arquiteto de origem francesa radicado em Buenos Aires, que veio ao Brasil por ocasião da implantação do projeto Bouvard para o Anhangabaú no início da década de 1910.

¹² A técnica de Wasth Rodrigues para a produção dos azulejos decorados é a do sobre-esmalte, que “consiste em trabalhar diretamente sobre a superfície esmaltada, com pincel, ou empregando-se um sistema de máscaras sucessivas para cada tema ou cor. O azulejo assim trabalhado é levado ao forno, sendo queimado a uma temperatura de 850°C.” (Morais, 1988:127)

de Lorena e às tropas de burros que sobem a serra pelo calçada do Lorena. O início da colonização portuguesa no Brasil é o tema do painel do Rancho da Maioridade, enquanto no Pouso de Paranapiacaba um mapa das estradas paulistas projeta o futuro das ligações rodoviárias entre os diversos pontos do Estado.

As matrizes documentais que subsidiavam a produção artística de Wasth Rodrigues são diversas: as mais antigas vistas fotográficas da cidade de São Paulo¹³, das quais se destacam as de autoria de Militão Augusto Azevedo, e os desenhos e gravuras dos artistas que integraram as expedições científicas em viagem pelo Brasil durante a primeira metade do século XIX, bem como as suas viagens de estudo da arquitetura colonial pelo interior do país, as pesquisas dos uniformes do exército brasileiro, das bandeiras, heráldica e acerca do mobiliário colonial brasileiro e português.

O interesse de José Wasth Rodrigues pela arquitetura colonial brasileira foi motivada após o seu regresso de Paris. Influenciado por Ricardo Severo, Wasth Rodrigues dedicou-se ao levantamento de informações no interior e outros estados, sobre edificações ainda remanescentes de nossa arquitetura colonial, elemento valorizado pelo *Neo Colonial Brasileiro* do qual Ricardo Severo era um dos idealizadores.

Esta linguagem arquitetônica caracterizou-se pela retomada dos elementos definidores da arquitetura colonial “brasileira” dos séculos XVIII e XIX. Este resgate tinha por objetivo valorizar o passado arquitetônico, colocando-se assim como uma alternativa ao ecletismo¹⁴ que então predominava nas edificações. O *Neo Colonial* está contextualizado em um momento no qual já se manifestava a valorização da cultura nacional, do nosso passado¹⁵ em detrimento à simples importação de linguagens arquitetônicas, tendência que se intensificaria com a Semana de Arte Moderna de 1922, nas artes em geral.

Nomes como Ricardo Severo, Lúcio Costa, Victor Dubugras, entre outros, foram grandes divulgadores do movimento de retomada da arquitetura colonial, ao qual se

¹³ A utilização da fotografia enquanto fonte para a realização de pinturas é contemporânea ao advento da fotografia.

¹⁴ No Brasil o ecletismo caracterizava-se pela mescla de estilos arquitetônicos com predomínio do neoclassicismo

¹⁵ Cumpre ressaltar que a arquitetura colonial tinha sido introduzida no Brasil pelos portugueses, configurando-a também como estilo importado, só que há mais tempo.

convencionou a denominação *Neo Colonial Brasileiro*, definido como “movimento artístico surgido entre nós visando o renascimento e respectiva estilização das características arquitetônicas das construções brasileiras do tempo da colônia.”(Lemos, 1972:337)

O resultado do estudo de José Wasth Rodrigues sobre arquitetura colonial, complementado por pesquisas iconográficas, foi condensado na publicação *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Publicado somente 25 anos depois, o estudo acabou restrito devido a pequena circulação do material. Por ocasião de sua publicação o autor fez a seguinte observação sobre o movimento Neo Colonial Brasileiro:

A cidade colonial paulistana: considerações finais

A cidade colonial paulistana que caracteriza a obra de José Wasth Rodrigues constitui um importante documento de época, que pode potencializar a integração de equipamentos culturais hoje pouco viabilizados enquanto atrativo turístico. Nesse sentido, destaca-se a ladeira da Memória, o caminho do Mar e o Museu Paulista, inseridos na comemoração do centenário da independência do Brasil. Ao que se refere a comemoração do aniversário do quarto centenário da cidade de São Paulo, destacam-se as casas bandeiristas e as aquarelas, hoje custodiadas pelo Centro Cultural São Paulo e Arquivo Histórico Municipal Washington Luis. Independentemente da época de sua produção, todas possibilitam a valorização de uma cidade colonial hoje inexistente.

Referências bibliográficas

ALBANO, Celina e MARIS, Stela. **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar.** Belo Horizonte: Território Brasilis/Editora UFMG, 2002.

BARATA, Mário. Transição e início do século XX. In: ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil.** São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural.** Campinas: Papirus, 3º edição, 2002

BASTOS, Sênia. Patrimônio cultural e hospitalidade: subsídios ao planejamento turístico.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti (coord.) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade.** São Paulo: Thomson, 2004.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural.** São Paulo: Aleph, 2002

CARVALHO, Vânia Carneiro de e LIMA, Solange Ferraz de. São Paulo antigo, uma encomenda da modernidade: as fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista. In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 1, 1993.

GARCIA CANCLINI, Nestor. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: AGUILAR CRIADO, Encarnación. **Patrimonio etnológico.** Nuevas perspectivas de estudio. Consejería de cultura. Junta de Andalucía, 1999.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico.** Brasiliense: São Paulo, 1987.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das artes plásticas no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

VENDRAMINI, Larissa Ferraz Vendramini. **Hospitalidade e visitação no Centro Cultural Banco do Brasil da cidade de São Paulo.** São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi (Dissertação de Mestrado – Hospitalidade), 2006.

WASTH RODRIGUES, José. **Documentário arquitetonico relativo à antiga contrução civil no Brasil.** São Paulo, Martins Fontes, 1945.